

LIMA BARRETO E A CRÍTICA LITERÁRIA

Haydée Ribeiro Coelho*
Maria do Carmo Lanna Figueiredo**

RESUMO

Considerando a importância da obra barretiana na literatura brasileira, este ensaio propõe-se a agrupar textos que, escritos na década de 80, possam integrar um roteiro explicitador da posição que Lima Barreto vem ocupando no panorama da crítica literária nacional.

ABSTRACT

Owing to the significance of Lima Barreto's work in Brazilian literature, this essay intends to group texts which, written in the 80s, can become an elucidating element as to the author's position in national literary criticism.

* Professora de Teoria da Literatura da UFMG.

** Professora do Mestrado em Letras da PUC/MG, Professora aposentada de Literatura Brasileira da UFMG.

1. INTRODUÇÃO

O presente ensaio propõe-se a agrupar textos sobre a obra de Lima Barreto, escritos e inscritos em determinada fase de nossa carreira universitária, numa dissertação de Mestrado e numa tese de Doutorado, respectivamente.

Para resguardar a especificidade e integridade de cada texto crítico e o momento em que foi escrito, optamos por publicá-los em duas partes. Na primeira, apresentamos um caminho específico sobre *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o romance de Lima Barreto que vem colhendo maior aceitação do público leitor e da crítica especializada. Em segunda instância, aparece a análise de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* que, na obra estudada, talvez seja aquela que tenha merecido o menor número de abordagens críticas.

Os estudos, correspondentes a um recorte crítico inserido nos anos 80, oferecem um enfoque que se baseia na análise do objeto em si e é ampliada por outra abordagem, por outro olhar que reavalia tal panorama crítico, numa perspectiva metacrítica. Da sugestão da análise do objeto em si transpõe-se para a crítica da crítica. Essas pontes e mediações permitem, a nosso ver, retomar caminhos percorridos em décadas anteriores.

2. REVISITANDO TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Haydée Ribeiro Coelho

A leitura de *Triste fim de Policarpo Quaresma*¹ desperta-me para a importância da palavra como instrumento de ação, utilizada não só por aqueles que detêm o poder político, como também pelos oprimidos, como forma de denúncia desse poder que os aflige. Nesse sentido, parece-me que o romance constitui uma possibilidade de análise da retórica do processo ficcional e do contexto sócio-político a que ele se reporta. A ligação entre o poder e a palavra convence-me de que o poder se manifesta na prática da linguagem e que se relaciona da mesma forma com a manipulação do discurso.

Minha intenção em mostrar mais uma possibilidade de análise de *Triste fim de Policarpo Quaresma* excede de muito a preocupação de Francisco de Assis Barbosa com o aspecto biográfico². Ao estudar a construção da narrativa, muitos dos possíveis "defeitos" apontados na obra de Afonso Henriques de Lima Barreto podem ser elucidados, sem que se façam restrições ao processo ficcional do romancista. Nesse sentido, torna-se necessário recuperar alguns textos críticos que mantêm tais posições. Quanto à restrição feita ao texto barretiano, concernente ao aspecto panfletário, cabe-me reportar à opinião de Olívio Montenegro. O ensaísta afirma que:

"o grande pecado da obra de Lima Barreto e donde vêm as imperfeições maiores é querer transformar o romance, e que deve ser obra de imaginação, e com todas as qualidades emocionais e poeticamente sensíveis da ficção, em instrumento de ação; mudar em significação

¹ LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1971. 215p.

² BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 387p.

prática os efeitos de uma tão diferente natureza da sua arte".³ (grifo meu)

O abuso do traço caricatural é outro defeito apontado por Olívio Montenegro, conforme o trecho:

"Sente-se, em muita parte dos romances de Lima Barreto, o romancista em quem o calculado espírito de reforma não raro domina o espírito espontaneamente criador. Sente-se na ênfase, por vêzes, dos seus personagens, no *excesso das suas caricaturas. Caricaturas dêste exagerado mau gosto*".⁴ (grifo meu)

Enveredando-se por caminho semelhante, Nelson Werneck Sodré acentua que o romancista carioca "apesar de seu desleixo, de suas insuficiências de criador do abuso do traço caricatural, apresentou uma galeria numerosa, viva, colorida"⁵.

Ao fazer considerações sobre a crítica dos puristas à obra barretiana, Cavalcanti Proença afirma que "as descidas do romancista chocam o leitor desprevenido e explicam, até certo ponto, a pecha de desleixado com que tantas vezes o anematizaram os puristas de sua época e alguns da nossa"⁶.

Da bibliografia sobre a obra de Afonso Henriques de Lima Barreto apresento a seguir, sucintamente, alguns trabalhos críticos que nortearam minha dissertação.

Carlos Nelson Coutinho evidencia a falta de avaliação crítica do significado da obra de Lima Barreto "no fortalecimento e aprofundamento de uma tradição realista autenticamente nacional"⁷.

³ MONTENEGRO, Olívio. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Coisas do reino do jambon*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.15. Conservei, no texto crítico, a ortografia do momento.

⁴ Op. cit. p.15.

⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p.505.

⁶ PROENÇA, Manuel Cavalcanti. LIMA BARRETO In: *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. 3. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976. p.47.

⁷ COUTINHO, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto na literatura brasileira. In: COUTINHO, Carlos Nelson et alii. *Realismo & Anti-Realismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p.2.

Para o desenvolvimento de seu estudo, traça, primeiro, algumas linhas da evolução literária brasileira no que concerne aos problemas estéticos e ao quadro social em que a literatura se insere. Seu intuito? Apresentar-nos o criador de Policarpo Quaresma como "um dos maiores representantes da linha humanista e democrático-popular na literatura brasileira". Na quarta parte de seu ensaio, dedica-se ele ao tratamento da bizarrice como meio expressivo utilizado por Lima Barreto. A partir das observações feitas em torno de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o crítico afirma que Afonso Henriques de Lima Barreto "rompe decisivamente com qualquer intimismo à sombra do poder".

Para o meu estudo, a crítica de Carlos Nelson Coutinho foi importante, no sentido de focalizar Lima Barreto, à luz do realismo, inserindo-o no panorama da literatura brasileira. Enquanto o crítico trata da questão do poder, levando em consideração a categoria do realismo, abordo-a tendo como base o nacionalismo, presente em *Triste fim de Policarpo Quaresma* e a retórica ficcional que a ele se acha associada.

Em "A mitologia urbana de Lima Barreto"⁸, Sonia Brayner ressalta a predominância de três espaços nos romances *barretianos*: o urbano, o político-administrativo e o literário, que se relacionam com a tipificação das personagens. Evidencia que as personagens portadoras de consciência crítica, como Isaías, Policarpo e Gonzaga de Sá, se situam entre "o ser o fazer". A palavra, em relação às personagens mencionadas, aparece como a "única saída vislumbrada" para a oposição sistemática entre o "mundo do parecer" e do "ser/ fazer", no que tange à sujeição dos anti-heróis ao mundo do parecer.

O escritor e crítico Osman Lins⁹ evidencia a importância do espaço na narrativa e, sobretudo no capítulo VI, ressalta as várias funções que esse assume no romance. É importante assinalar que sua tese não se restringe a *Triste fim de Policarpo Quaresma*, concentrando-se especialmente em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Embora faça uma observação atinente à luta de classes na obra

⁸ BRAYNER, Sonia. A mitologia urbana de Lima Barreto. *Tempo Brasileiro*: Rio de Janeiro. Cultura, arte, literatura. (33/34): 66-82. abr./jun. 1973.

⁹ LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976. 154p.

barretiana, procura furtar-se à consideração das relações entre a linguagem e o poder. Nesse sentido, para o crítico, a obra de Lima Barreto não se configura "como uma ficção de luta de classes"¹⁰. Em outra passagem, o crítico ressalta:

"Há consciência da miséria, mas não consciência de classe nos seus pobres e, além disso, algumas de suas personagens aparecem como figuras intermediárias, como é o caso de Lucrecio Barba-de-Bode (...)"

Em "Lima Barreto: mostrar ou significar?"¹¹, Sonia Brayner retoma observações de "A mitologia urbana de Lima Barreto". Alonga-se, no entanto, no relacionamento entre a estratificação do espaço e a sátira. Outros aspectos são ainda apresentados: a tensão entre o mostrar e o significar, que gera a ambigüidade nos romances; o engajamento do romancista; a ligação da personagem como tipo às preferências literárias do romancista e ao processo ficcional do autor. Como Sonia Brayner não se atém à análise de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, alguns aspectos peculiares ao romance deixaram de ser abordados. Por exemplo: a relação entre narrador e poder; a manipulação exercida pelo *discurso* político sobre Policarpo; o messianismo; o espaço *intertextual* instaurado pelo nacionalismo; o estudo analítico dos recursos utilizados pelo autor.

Para concluir essa exposição crítica cabe ressaltar, ainda, dois estudos: o de Maria Zilda Cury¹², apresentado nessa Faculdade, durante o período de elaboração de minha dissertação (segundo semestre de 1980) e o de Silvano Santiago¹³.

¹⁰ Essa observação e a subsequente estão, respectivamente, nas páginas 23 e 24. Op. cit.

¹¹ BRAYNER, Sonia. Lima Barreto: mostrar ou significar? In: *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1979. p.145-176.

¹² CURY, Maria Zilda Ferreira. *A visão de mundo em Lima Barreto*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1980. (Dissertação de mestrado). Esse texto acha-se publicado. Cf. nota 17 desse ensaio.

¹³ SANTIAGO, Silvano. Uma ferroada no peito do pé. In: *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.163-181.

No início de seu trabalho, a autora aponta, como hipótese, "que há no conjunto da obra do autor uma intenção explícita de se alinhar às camadas populares, sendo esse alinhamento marcado pela oscilação e por posturas ambíguas" para chegar, entre outras conclusões, à verificação de que, por um comportamento denunciador, "Lima Barreto assume, ainda que contraditoriamente, o ideal de expressar uma camada nova, emergente". Realça o contexto histórico, que se lhe afigura de suma importância, para demonstrar as relações da obra com o conjunto social de que participa.

As relações de dominação e o realce das contradições sociais não foram esquecidos no desenvolvimento do meu trabalho. No entanto, o presente estudo tem por objetivo mostrar de que forma os elementos acima arrolados se integram à estrutura narrativa. Não perdemos de vista o contexto histórico, mas a ele nos referimos apenas quando necessário.

Tendo em vista que o texto de Silviano Santiago elucidava, de outra maneira, o estudo do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, não poderia ignorá-lo. Ao desenvolver uma dupla leitura do romance, apresenta seu ensaio em duas partes. Na primeira, mostra que Lima Barreto "assume uma estética popular numa literatura como a brasileira, em que os critérios de legitimação do produto ficcional foram sempre dados pela leitura erudita"¹⁴. Essa observação faz com que o crítico proponha enfocar *Triste fim de Policarpo Quaresma*, a partir da leitura "que o narrador faz do próprio texto no interior do romance". Silviano Santiago, preocupado com a sustentação da narrativa, realiza uma leitura da noção de pátria, inserida no romance. Na segunda parte, o crítico amplia seu enfoque, desenvolvido na primeira parte, ressaltando que *Triste fim de Policarpo Quaresma* "marca um ponto nevrálgico da leitura que fazemos hoje do discurso sócio-cultural que desde Vaz de Caminha tenta explicitar para nós o que era e é o Brasil".

Minha análise mantém aspectos de semelhança com a do ensaísta, já que um dos meus objetivos é estudar a estrutura da narrativa, tendo como base a tensão entre o discurso político e o discurso literário. Na medida em que elucidado e específico, de forma aprofundada, a retórica do nacionalismo, meu caminho distancia-se daquele trilhado pelo crítico. Além disso, analiso de que maneira Lima

¹⁴ Op. Cit. p.166.

Barreto desvela a retórica do nacionalismo. Para isso, evidencio como ocorrem a comicidade, a sátira, a ironia e o conflito trágico no romance.

À vista dos aspectos evidenciados, esta dissertação constitui, por conseguinte, uma complementação dos estudos anteriores. Considerando a captura do Outro pela retórica, pretendo, nessa análise, ampliar a idéia de poder, insinuada na obra de Afonso Henriques de Lima Barreto. São aqui tratados elementos da estrutura narrativa. E o estudo isolado de cada recurso expressivo permite-me, parece, uma visão mais clara do romance, embora menos extensa.

A partir, pois, do estudo da construção narrativa, tenho como objetivo mostrar que: o poder surge na prática da linguagem e pode ser observado no plano social, político e literário. O *discurso* político e o *discurso* literário relacionam-se e estabelecem um jogo de tensão, instaurador do processo ficcional; a comicidade e a sátira são mecanismos eficazes utilizados tanto pelos detentores do poder, quanto por aqueles que ameaçam o *status quo* e, as contradições sociais, reveladas pelo relacionamento entre as personagens e o mundo dos objetos, encontram correspondência nas contradições do autor com relação à construção narrativa.

Minha dissertação desenvolve-se em três partes. Na primeira, intitulada "A retórica da ficção: desmascaramento do poder", enfoco os recursos utilizados pelo autor (a comicidade, a sátira, a ironia e o conflito trágico) como meios de desmascarar o poder e impor ao leitor o seu mundo ficcional. A comicidade, a sátira, a ironia e o conflito trágico constituem, ainda, modos de o autor persuadir o leitor da verdade que o romance pretende revelar. Na segunda parte, "A retórica do nacionalismo", procuro evidenciar a retórica do nacionalismo, como se patenteia no discurso literário do século XVII, no folclore e no discurso político-filosófico da primeira República. A última parte "A construção narrativa" aborda alguns aspectos concernentes às personagens, ao espaço, ao narrador e ao poder.

Restringi-me ao estudo de um único romance, por verificar que cada parte de meu trabalho exigia suporte teórico diferente. Além disso, no meu horizonte crítico, senti que só poderia alçar outros vãos, a partir da análise mais aprofundada de um romance de Lima Barreto.

3. UMA LEITURA DA TRADIÇÃO: LIMA BARRETO POR OSMAN LINS

Maria do Carmo Lanna Figueiredo

Osman Lins, na leitura que faz da tradição em *Lima Barreto e o espaço romanesco*, procura posicionar-se diante da ruptura entre função literária e a tônica da cultura aristocratizante que cava um fosso entre escritor e sociedade. O livro deixa perceber uma interpretação de seu tempo, num contexto mais amplo em que se delineia também o traçado de uma problemática comum ao passado e ao presente. O ensaio amplia o contorno da análise textual, incluindo nela a presença do escritor em sua relação com a obra e a sociedade.

Esse procedimento de análise traduz um processo constante que Osman Lins articula através de sua obra, por se projetar tanto no âmbito ensaístico quanto no ficcional, como se pode perceber também em *A rainha dos cárceres da Grécia* e nas outras obras ensaísticas do autor.¹⁵

Em *Lima Barreto*, o ensaísta assinala a ausência de profissionalização do escritor e da expansão e diversificação do público leitor, uma assimetria que é computada ao subdesenvolvimento cultural da sociedade e ao refinamento dos intelectuais. Para o autor, pela ausência de canais adequados à circulação de sua obra, Lima Barreto torna-se a vítima dramática dessa situação de isolamento do escritor, motivo que o leva ao alcoolismo e à loucura. Valoriza, através do estudo das peculiaridades expressivas do autor de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, a obra incompreendida e a considera uma poética que pode minimizar essa assimetria, ao confrontar os aspectos que a distinguem no ambiente cultural de sua época.

Leitura de *inclusão*, a estrutura do ensaio osmaniano arregimenta a perspectiva de que a obra ultrapassa sua análise e seu

¹⁵ Osman Lins, *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976. O ensaio será designado neste trabalho por *Lima Barreto. A rainha dos cárceres da Grécia*. São Paulo: Melhoramentos, 1976, designado por *A rainha*.

juízo. *Lima Barreto*, composta por sete capítulos, pode ser redividida em três partes.

1 - Os três primeiros capítulos tratam da temática de Lima Barreto, em especial a da incomunicabilidade, sobretudo das suas personagens.

Nesses capítulos, o ensaísta diferencia-se da crítica anterior e evidencia a pouca habilidade no trato com o literário a qual advém da conexão mimética entre a obra e a realidade extra-ficcional. Por essa nova leitura, reavalia também o conceito de juízo de valor que classifica os escritores em bons e maus. Para isso, chega mesmo a minimizar o valor da obra machadiana, que lhe serve de parâmetro para julgar Lima Barreto. Pode-se perceber, nesse enfoque, que o ensaísta realmente se questiona sobre a marcha da relação autor, obra e leitor.

2 - Os três capítulos seguintes formulam uma teoria do espaço romanesco, distinguindo espaço social, atmosfera e ambientação.

Estas reflexões coincidem com uma preocupação do ensaísta que repercute em toda a sua obra, seja na disposição de organizar novas formas expressivas para o tratamento do espaço, seja na constância com que se dedica ao tema em sua trajetória ficcional e ensaística¹⁶. Essa indagação diz respeito à sua relação com a literatura. Ele reconhece que a literatura, a partir da história a que está ligada, levanta questões sobre as condições particulares que o sistema cultural oferece ao problema da leitura e da escrita. Seu método de análise estabelece uma relação pessoal com a obra, ao mesmo tempo que a coloca num campo de afinidades e oposições intertextuais.

3 - O último capítulo concentra a investigação no espaço de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. A leitura do romance testa as proposições teóricas e sua validade.

Falando do lugar das personagens Gonzaga de Sá e Machado, esse escritor contemporâneo tenta compreender o lugar de onde Lima Barreto falava e o lugar que ele ocupava na literatura nacional. Evita, assim, a análise impessoal, postulando a participação da

¹⁶ Cf. Osman Lins. *Do ideal e da glória*, problemas inculturais brasileiros. São Paulo: Summus, 1977 *Avalovara*. São Paulo: Melhoramentos, 1973, e *A rainha*.

leitura produtiva na obra, e, ao mesmo tempo, comprova que um método de análise não esgota o texto analisado.

Ao conferir significação equivalente à vida e à obra de Lima Barreto por sua análise, Osman Lins tenta construir uma metodologia própria de abordagem da literatura. Encara a vida e a obra do autor como dois aspectos da irrupção do literário na sociedade, ambos contribuindo para resistir a um modelo social e cultural que tende a subestimá-los, ao minimizar sua colaboração, relegando-a a um espaço restrito e, portanto, de marginalidade.

A leitura crítica de *Lima Barreto* pretende conservar e valorizar o legado de um autor bastante esquecido da crítica literária, que só recentemente se vem debruçando sobre a importância de sua obra no contexto literário nacional. Através do *espaço romanesco*, tenta resgatar o lugar dos escritores que são relegados pela crítica, não porque destituídos de valor literário, mas por se desviarem da norma acadêmica aceita pelo sistema estabelecido.

Nesse sentido, a obra de Lima Barreto detona outras coordenadas ficcionais na interpretação da *práxis* literária brasileira, ao propôr uma literatura que contraria e desvia o enfoque modelar dessa *práxis*, a partir de novos parâmetros, conectados a diferentes modos de percepção e de expressão — a literatura dos subúrbios, a expressão de um bloco de camadas médias urbanas da população da Primeira República.

O escritor vai-se estabelecer literariamente em oposição aos modelos de Machado de Assis e de Coelho Neto. A tentativa de expressar-se de forma contundente, contrariando o projeto literário de sua época, vai atingir diretamente o que ele considera como linguagem "distante e aristocrática": a solução estética machadiana para desmistificar a ideologia subjacente à sociedade brasileira de então. Com a intenção bastante definida de assumir uma nova linguagem que incorpore a sua concepção do fazer literário como atividade militante e de denúncia, também se opõe à retórica de um Coelho Neto e de um Rui Barbosa, que considera repassadas por um "formalismo vazio". Tenta substituir os modelos pela paixão e pela sinceridade da linguagem

coloquial, mais próxima da fala do povo, condição que considera superior às regras retóricas e estilísticas do bem escrever¹⁷.

Resgatar esse espaço, num ensaio que, primeiramente, se apresenta como tese de doutoramento na mais famosa universidade do país, a Universidade de São Paulo, condiz com a aceitação da literatura enquanto entrecruzamento de vozes discordantes. A equiparação que será levada a efeito no ensaio, entre as figuras dos dois autores fluminenses, Machado de Assis e Lima Barreto, também aponta para a mesma direção. Osman Lins se posiciona, diante da tradição literária nacional, por uma via de entrada que conecta fatores diferentes dos já usuais para o caso.

Diante da tradição literária brasileira, o escritor Osman Lins se desvia de um modelo imediato, ancorando-se numa tradição anterior. A visão modernista, de uma certa forma, exagera o perfil individual, suprime as semelhanças e sublinha os antagonismos¹⁸. A rota ficcional e ensaística osmaniana colide com essa visão quando a questiona, modificando e ampliando o passado, ao projetar elementos desse passado em sua ficção e ao valorizá-lo explicitamente em seus ensaios. Lembre-se, como exemplo, o aproveitamento ficcional que o autor faz da tradição brasileira do romance da terra em *O fiel e a pedra* (1961); na narrativa "Retábulo de Santa Joana Carolina" em *Nove, novena* (1966); no episódio "Cecília entre os leões" em *Avalovara* (1973); em *A rainha* (1976) e *Missã do galo, variações sobre o mesmo tema* (1977). Nesse caso, pode-se comparar o procedimento ao abandono dessa tradição pelas correntes vanguardistas que parecem pretender liquidar com a herança naturalista.

No ensaio em pauta, Osman Lins parte da constatação da diferença entre sua obra e a de Lima Barreto, como justificativa do interesse que esta lhe desperta. Refere-se, no entanto, aos pontos de semelhança entre os dois, a partir da posição de ambos em face da literatura, outro motivo, eleito por ele, para justificar a escolha: a paixão e o respeito pela literatura, a que se consagram incondicional-

¹⁷ Cf. Maria Zilda Ferreira Cury. *A práxis e a palavra. Um mulato no reino de Jambom*. São Paulo: Cortez Editora, 1981. p.149-79.

¹⁸ Cf. a característica que Octavio Paz vai chamar de "tradição da ruptura" nas obras da modernidade. In: *Os filhos do barro*. Trad. Olga Savary, Rio: Nova Fronteira, 1984. p.15-35.

mente; o desejo de exercer com dignidade o ofício de escrever; a consciência da oposição irreduzível entre o escritor e o poder; a tentativa de escrever obra pessoal e identificada com o seu tempo. A ênfase que confere ao estudo de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* pode iluminar e ampliar as considerações dessa escolha, porque se prende a aproximações ficcionais entre os dois autores. A proximidade será intensificada em *A rainha*, que vai inserir ficcionalmente, em seu texto, tanto o romance barretiano, quanto o ensaio *Lima Barreto*.

Osman Lins não privilegia o aspecto engajado e militante da literatura de Lima Barreto, um procedimento diferenciado da maioria dos trabalhos críticos sobre o autor. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* corresponde, nesse aspecto, à escolha de mediações entre literatura, sociedade e história não tão coladas ao "real". O romance presta-se melhor a esse tipo de mediação, por recortar o espaço do Rio de Janeiro, promovendo a crítica social a partir dos diferentes lugares de onde se fala. A maneira de Osman Lins lembrar Lima Barreto diz de si, ou seja, através do *espaço romanesco* e de Gonzaga de Sá, o homem de *leitura* e andarilho. A leitura do espaço urbano da personagem recolhe os traços da cidade. *Leitor sui generis*, Gonzaga de Sá configura o erudito que sabe ler o seu tempo, a cidade e o popular. Tal leitor interfere no espaço da marginalização e quase esquecimento em que vivem os intelectuais na sociedade e no espaço do *leitor*, configurado pela obra de Osman Lins: a mediação escolhida para conectar o intelectual com a sociedade e para relacionar modos de expressão ficcional diferenciados.

A preferência pelo estudo de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* também pode ser ligada a essa problemática, uma vez que a obra retrata personagens em situação de desconforto diante do seu relacionamento com o mundo e com os seus semelhantes, a partir exatamente do confronto entre o intelectual e a sociedade. Aliada a essa perspectiva, a personagem Gonzaga de Sá pode ser percebida como a que "recorta" o espaço urbano, dando-se a ler juntamente com a cidade, como a personagem Natividade, de *Avalovara*, nas cenas do seu enterro.

O encontro de Osman Lins com Lima Barreto vai acontecer no espaço literário, ocupado pela urgência de participação, na necessidade de explicar a realidade social brasileira e de opinar sobre ela. O ensaísta Osman Lins, entretanto, duvida dessa ocupação e se

abre também para contextualizar sua posição e a presença do literário, quando analisa detalhadamente os procedimentos ficcionais barretianos. Ao fazê-lo, elucida um vazio nos textos da crítica sobre o autor, os quais lhe destinam uma posição subalterna no sistema literário brasileiro, fortemente influenciado pela literatura machadiana. O lugar do ensaio, nessa perspectiva, pode ser entendido como o modo pelo qual o ensaísta pretende trabalhar essa relação. A participação do escritor questiona as barreiras da cultura encastelada nas regras da normatividade e na sociedade aristocratizante que, aprisionando o literário em um círculo estreito de eruditos, dificulta o diálogo mais amplo entre ficção e sociedade.

Osman Lins pode ser entendido como um representante-intérprete de seu tempo. Um escritor que demonstra grande consciência de sua importância — seu lastro individualizado —, e a face exterior que repercute nele, através da experiência de outros que o deslocam e antagonizam sua identidade.

Tais coordenadas já falam de sua imersão na tradição literária e do contato específico que estabelece com ela. Também aliado a isso, caracteriza-se o lugar da enunciação osmaniana em *Lima Barreto*: a do escritor que lê a obra de um "companheiro"¹⁹. Não se endereça à obra de Lima Barreto para detectar-lhe as deficiências, o mesmo se podendo dizer quanto aos estudos anteriores sobre ela, dos quais se distancia. O que principalmente se destaca no discurso ensaístico osmaniano é a posição de respeito diante da obra estudada, respaldado na apreensão de dados literários e no acatamento da interpretação de outros autores, de opiniões divergentes da sua. Essa posição, porém, motiva o destaque da particularidade de sua análise que pretendo aferir.

O ensaísta inaugura a leitura de Lima Barreto para outros, carregada de opiniões sobre o autor, e acrescida do sentimento de

¹⁹ Não é desejo deste estudo a classificação do escritor através de rótulos, mas gostaria de assinalar a proximidade desse aspecto, com a característica que Silviano Santiago destaca no pós-moderno, nessa relação com a tradição. Para o ensaísta, o escritor pós-moderno "incorpora a tradição e o passado de uma maneira onde a confiabilidade seria a tônica, respaldada no pluralismo". Permanência do discurso da tradição no modernismo. In: *Tradição/Contradição*. Rio: Zahar, 1987. p. 101.

grupo, como um "companheiro". O artigo "Anchieta ou o Evangelho na taba" valida e amplia a aferição desse aspecto.

Como Anchieta (...) recebemos, bem ou mal, uma formação clássica da qual não podemos e, provavelmente, não queremos livrar-nos. (...) Contudo, atuando, sob muitos pontos de vista e, principalmente, sob o ponto de vista cultural, num meio adverso, (...) recusamos encastelar-nos na cultura herdada, uma vez que precisamos ser ouvidos.²⁰

Estudar a obra de alguém que também se recusara a "encastelar-se na cultura herdada", guarda viva a memória do grupo e procura a cumplicidade do leitor, como forma de recuperar o aspecto esquecido e de lembrar que a coordenada cultural, antevista em Anchieta, subsiste.

A mesma reação aos empecilhos que se colocam no caminho do escritor pode configurar-se na análise que Osman Lins faz da obra de Lima Barreto, coincidentemente inscrito no artigo citado. A posição do leitor de Anchieta e de Lima Barreto também é coincidente. Nos dois pronunciamentos, fala enquanto escritor, aquele que retira das leituras o caráter de enunciação segunda, que vive da primeira. Esse pormenor, mais que a incursão no literário de algumas partes do ensaio *Lima Barreto*, caracteriza a quebra de unidade do gênero, outra reação a limites com que se choca o escritor.

Ao articular, em *Lima Barreto*, várias formas literárias distintas — como a biografia, a crítica literária, a ficção e a autobiografia —, abre o ensaísta um espaço mais lúcido para uma nova forma de ensaio. A identidade do autor lido e do autor que lê se misturam claramente nos objetivos comuns que os ligam. O ensaísta abandona a figura heróica do escritor missionário que aventa no artigo sobre Anchieta, no qual inclui Lima Barreto e, ancorado na figura clássica de Gonzaga de Sá e na ambivalência da personagem barretiana Machado, assume "os sentimentos contraditórios do mestiço (...), fruto

²⁰ Osman Lins. Anchieta ou o Evangelho na taba. *Evangelho na taba, outros problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979. p.23.

Chamo atenção para o fato de Julieta de Godoy Ladeira, mulher do escritor e compiladora dos artigos e entrevistas que compõem o livro, ter elegido o título deste artigo para o título do livro, assinalando a proximidade da sua temática com a obra de Osman Lins.

de uma tradição ao mesmo tempo admirável e cruel²¹, contextualizando a problemática do escritor brasileiro. Assumir a ambivalência do espaço cultural a que pertence contribui para a interpretação do espaço de isolamento do escritor e para uma diferente resposta a essa realidade. A resposta se constrói pela análise e pela apropriação de outras obras, que revelam, por expressões diferentes, um mesmo repúdio à situação.

Para o escritor, porém, como para a intelectualidade brasileira, a ruptura com o modelo teórico e a desarticulação da identidade do sistema ocorrem de forma ambivalente e contraditória, revelando seu caráter problemático. Problema esse que se articula, de um lado, com a percepção da necessidade de conhecer e de aprimorar os desenvolvimentos das metodologias de análise e, de outro, com a consciência de ser conveniente substituir esses conceitos por novas formas de apreensão das obras nacionais e de seu relacionamento com a realidade do Brasil. Prende-se a essa ambivalência a atitude de Osman Lins frente às metodologias de análise literária de grande divulgação e aceitação no país, nas décadas de 60 e 70.

O autor vai-se pronunciar sobre o uso de novas técnicas e teorias no ensino universitário. Considera-as nefastas e simplificadoras em suas manifestações abusivas, pois gerariam "uma coisa útil mas acadêmica", dirigida "por um transmissor de idéias cheio de certezas". Crítica, em especial, a defasagem entre a bagagem literária do aluno e o estudo da obra a partir do enfoque concentrado no esmiuçar do texto. Para ele, trata-se de um embuste que camufla uma débil atitude política e substitui o debate, eximindo a responsabilidade do ensino "para com a evolução da consciência de seu povo". Opõe-se, principalmente, ao fato de as atitudes e idéias de tais métodos, geradas em outros contextos, não serem adaptadas às circunstâncias brasileiras de alunos despreparados e mantidos passivamente à margem da opinião pública²².

²¹ Osman Lins. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá. Lima Barreto*. p.144.

²² Cf. Osman Lins. *A instituição literária. Evangelho na taba*. p.47-52; entrevista de Osman Lins para o *Jornal da Tarde* - São Paulo - 04.01.1975. In: ——. *Id. ibid.* p.172 em que também comenta a diferença dos escritores ibero-americanos em relação aos europeus, principalmente os franceses, no que concerne à elaboração dos mitos na obra literária.

Atento às configurações dos estudos literários, Osman Lins vai antecipar, enquanto escritor e ensaísta, a mudança de enfoque da crítica literária. Atualmente, esta se volta para um novo tipo de racionalidade, mais complexa e preocupada com as diversidades e particularidades de cada sociedade. Em *A rainha*, o autor vai-se utilizar em larga escala de procedimentos narrativos que revelam a nova visão. Nas citações irônicas relativas a Propp, Lévi-Strauss, Kristeva, à revista *Communications*, na abordagem que o ensaísta-narrador faz do romance de Julia, na paródia das análises estruturalistas que este constrói e na ironia que o livro destila em relação à linguagem da crítica literária delineia-se outro tipo de posição diante da literatura. Posição, muito específica do ensaísta Osman Lins quando estuda a obra de Lima Barreto e de outros autores brasileiros e que encontra respaldo na atual modalidade da crítica literária, também inscrita no romance: "Toda obra de arte configura a sua própria teoria"²³.

Exemplifica ainda a existência dessa tensão a diferença entre a cultura revelada pelo ensaísta e a cultura criticada pela obra de seu analisado, objeto de seu discurso. Apesar de seu propósito de se aproximar do escritor fluminense, é bastante sensível o distanciamento que manifesta, no seu ensaio e na sua ficção, quanto aos padrões e valores da literatura barretiana. O mesmo fator pode ser percebido na "ficcionalização" do ensaio e da figura do escritor. A subjetividade, nunca escondida ou metamorfoseada, que subjaz à análise, acaba por conferir ao texto barretiano interpretações que configuram auto-interpretações. O Lima Barreto que surge do livro de Osman Lins advém do crítico que analisa e se contempla analisando sua preocupação máxima se dirige para a posição de isolamento do escritor. Tentando minimizar essa posição, modifica o encaminhamento da relação entre autor e crítico que, co-autor da obra, pode ampliar a conexão dela com diferentes segmentos sociais e culturais.

²³ Osman Lins. *A rainha*. p.57.

4. CONCLUSÃO

Optamos, nesse trabalho, pelo estudo crítico de um autor, em sua relação com outras críticas, sem a preocupação de estabelecer hierarquias entre os elementos comparados e os aspectos estudados. Acreditamos ser este um modo de contribuir para situar Lima Barreto no panorama mais amplo da tradição literária brasileira e de sua abordagem crítica. Para melhor refletir sobre a questão, julgamos pertinente percorrer um caminho retrospectivo e insinuar um roteiro prospectivo, uma vez que tais coordenadas propiciam agudizar o sentido da tarefa do pesquisador e do professor de literatura. Tarefa que, a nosso ver, deve permitir a análise do objeto sob múltiplas perspectivas e, ao mesmo tempo, reconhecer novos significados nas fontes históricas, na tentativa de aproveitá-los no caso presente.

Gostaríamos de ressaltar que as leituras sobre Lima Barreto aqui expostas aliam-se ao nosso desejo de retomar e de reavaliar a obra do autor. Participam ainda de um tipo de crítica literária feita na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais que, inseridas na década de 80, representam a evolução de um pensamento crítico de uma época que julgamos interessante recordar, a fim de que se possam acompanhar as diferentes modalidades que emergiram dessa fase.